

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: DIÁLOGOS NA ESCOLA

Priscila Freire Rodrigues¹
Suzete Camurça Nobre²
Bruna Brelaz³
Israel Ribero⁴
Elizângela Frota⁵

RESUMO

O tema educação e sexualidade aborda a importância de perceber os gêneros e a diversidade em relação à sexualidade na escola como uma conjugação educativa e de formação cidadã de direitos. Este artigo tem por intuito apresentar uma análise compreensiva e crítica a partir dessa perspectiva no contexto das relações sociais escolar, a partir de uma atividade de extensão realizada com adolescentes do ensino médio em uma escola pública na cidade de Manaus

Palavras Chaves: Gênero; Jovens; Diversidade sexual; Saúde; Escola.

EDUCATION AND SEXUALITY: DIALOGUE IN SCHOOL

ABSTRACT

The theme education and sexuality addresses the importance of understanding gender and diversity in relation to sexuality in school as an educational combination and civic education rights. This article is meant to provide a comprehensive and critical analysis from this perspective in the context of school social relations, from an extension activity carried out with high school students in a public school in the city of Manaus.

Key words: Gender; Young; Sexual Diversity; Health, School.

¹ Professora da Universidade do Estado do Amazonas e coordenadora do projeto de Extensão “Oficinas de educação e saúde na escola: gênero e sexualidade”.

² Professora da Secretaria de Estado de Educação e coordenadora do projeto de Extensão “Oficinas de educação e saúde na escola: gênero e sexualidade”.

³ Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia e bolsista do projeto.

⁴ Aluno do curso de Enfermagem e voluntário do projeto.

⁵ Aluna do curso de Enfermagem e bolsista do projeto.

INTRODUÇÃO

A compreensão da diversidade em relação à sexualidade nas relações de gênero cada vez mais significa um momento de reflexão necessária em face das mudanças socioculturais na sociedade como um todo. O espaço da escola tem sido apresentado como um dos lugares no qual tal questão está presente como tema também da educação escolar (BRASIL, 2009a). A questão da sexualidade abordada na escola é algo relativamente recente no Brasil, com “experiências isoladas e não resultantes de diretrizes educacionais mais amplas. A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1996, é um marco importante na consolidação da educação sexual como um problema escolar” (ALTMAN, 2005).

Na perspectiva de gênero a sexualidade tem representado um fértil campo de discussão nas ciências humanas e sociais, descentralizando-a da visão biológica na qual esteve mais presente. A palavra gênero é um conceito que engloba indivíduos que lhes são comuns. Como uma temática social “trata-se da forma como cada cultura lida com as diferenças entre os sexos, alocando a cada um deles determinados atributos e à maneira como estes atributos são valorados socialmente” (GONÇALVES, 1998, p. 51). O modo, pois, como os(as) jovens se relacionam e se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que os ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero e segundo cada contexto social (BRASIL, 2009b).

Tendo em vista a ampla discussão que tais questões suscitam, refletir sobre a sexualidade no ambiente escolar representa um desafio sob diferentes pontos de vista. Inclusive, o de reconhecer as limitações da escola que agrega mais uma responsabilidade entre tantas (ALTMAN, 2005). A maneira como os(as) atuantes da educação vão lidar com as situações diversas daí decorrentes perpassa uma sensibilidade para o entendimento das relações de gênero, principalmente no que tange a sexualidade.

O preconceito de gênero que atribui aspectos geralmente negativos às mulheres e aos homens é desenvolvido de muitas maneiras e está muito presente no contexto escolar. Esse preconceito é uma das questões que torna o processo de sociabilidade na cultura muitas vezes problemático com ações violentas de desrespeito e intolerância. Nesse sentido, “é preciso estar atento às diferenças entre homens e mulheres, entre gênero e raça, entre gênero e classe, entre gênero e cultura, compreendendo, por exemplo, que identidade é um conceito dinâmico” (SAMARA, 1997, p. 14). As experiências dos(as) jovens relativas à sexualidade são assim modeladas em meio a inúmeras vivências sociais comuns e difundidas na sociedade, e de outras que lhes são específicas como na família, bairro, religião, classe social, etc. (BRASIL, 2009c). O ambiente escolar em toda a sua abrangência precisa estar mais bem preparado para lidar com as expressões manifestas de desigualdades entre os gêneros e a diversidade sexual (BRASIL, 2009a).

Em face dessa realidade, esse artigo tem por intuito realizar uma análise compreensiva e crítica sobre educação e sexualidade a partir de uma experiência realizada em um projeto de extensão intitulado “Oficinas de educação e saúde na escola: gênero e sexualidade”. Desde o segundo semestre do ano de 2014 foram realizadas atividades educativas, com discussões que abrangiam diversas questões envolvendo as diferenças de gênero, as relações de sociabilidade sexual e de gênero, as relações homoafetivas, etc., com estudantes do ensino médio de uma escola Estadual pública na cidade de Manaus. A análise dessa experiência aponta por um lado, que o maior acesso aos conteúdos sobre o tema por diferentes meios, não representa informação com qualidade de entendimento. Por outro lado, a temática é de grande interesse dos/as estudantes, pois, vai de encontro com as experiências vividas na fase da adolescência, principalmente, e que, em sua grande maioria, ainda não encontram espaços para falarem abertamente sobre o que pensam e querem descobrir. Desse modo, o contexto escolar é um espaço para muitas descobertas, inclusive a da sexualidade, mas também, é espaço onde existe o preconceito e o não diálogo sobre uma temática que permeia a vida social como todo.

METODOLOGIA E DISCUSSÃO TEÓRICA

O projeto de extensão intitulado “Oficinas de educação e saúde na escola: gênero e sexualidade” ocorre na Escola Estadual Ângelo Ramazzoti desde o segundo semestre do ano de 2014, envolve estudantes de graduação dos cursos de Pedagogia e Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas. As oficinas acontecem na sala de aula com estudantes do Ensino Médio, de primeiro ao terceiro ano. A abordagem é qualitativa com o uso da observação participante. As atividades consistem em abordar questões sobre as relações de gênero, a diversidade sexual, as relações homoafetivas, imagem corporal, educação na família, sociabilidade afetiva.

O conteúdo das oficinas é trabalhado tendo por orientação as produções do Ministério da Educação, do Ministério da Saúde, da Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres, entre outros estudos teóricos sobre relações de gênero. Os temas têm uma flexibilidade, pois ao final de uma oficina sempre é questionado aos estudantes quais assuntos eles/as gostariam de falar. Assim, os temas são escolhidos de acordo com o interesse demonstrado pela turma. A partir daí, realiza-se um estudo orientado sobre o assunto em específico junto à equipe do projeto para que seja preparada a próxima oficina. São utilizadas curtas metragens, imagens, dinâmicas, slides, rodas de conversas e debates, de modo a estimular a reflexão crítica sobre a temática entre os adolescentes.

O desenvolvimento do projeto busca instigar a temática educação e sexualidade como uma problemática também no contexto escolar, o que tem nos levado a uma reflexão de (re)pensar as estratégias para a inclusão dessa temática na escola como uma importância efetiva e não apenas de reconhecimento. Principalmente diante do atual cenário político em torno da discussão dos Planos Municipais e Estaduais de Educação sobre a inclusão do conteúdo das relações de gênero na escola. Em Manaus, o Plano foi aprovado sem referência a questões de gênero.

O Plano Nacional da Educação – PNE faz referência às desigualdades nas relações de gênero no âmbito da formação acadêmica profissional e entende que isso reflete questões mais amplas da sociedade que estão presentes desde a educação infantil. Essas questões mais amplas estão no âmbito da educação escolar, porque desde a educação infantil a prática pedagógica reforça papéis sociais de gênero diferenciados na sociedade na visão conservadora que sustenta uma “natureza de homem” e uma “natureza de mulher”, como se a identidade do indivíduo já nascesse com ele, ignorando que a identidade é social, ou seja, o indivíduo aprende a ser sujeito social na cultura onde ele é socializado durante toda a sua vida (SILVA; RODRIGUES, 2016, p.)

Ao propormos uma abordagem da educação e sexualidade com referência às relações de gênero para o contexto escolar buscamos refletir a importância da educação sexual como acesso democrático de formação cidadã à identidade sexual, à saúde sexual, ao respeito ao direito individual, social e cultural de sociabilidade afetiva como tem sido preconizado nas Conferências Mundiais de Direitos Humanos. Bem como, atentar para o que preconiza a Lei no 10.172, de 9 de janeiro de 2001 em suas diretrizes para a formação dos profissionais de educação, posto que implica diretamente na formação dos(as) alunos(as).

Louro (1997, p. 119 e ss.) ao propor uma prática educativa não sexista destaca que as instituições sociais são afetadas pelas mudanças sociais no âmbito das relações sociais de gênero, sem dúvida, a escola é uma delas. O seu argumento aponta para um “afinamento da sensibilidade (para observar e questionar)” as formas de produção e reprodução das desigualdades sociais como as de uma educação discriminatória. Para essa ação, ressalta a necessidade da “construção de redes de aliança e solidariedade entre os vários sujeitos envolvidos nas práticas educativas e escolares – dentro e fora da escola”. No que diz respeito à escola, dentre os sujeitos de centralidade desse contexto certamente está o professor ou professora e suas relações em sala de aula com os/as estudantes. A autora chama a atenção para o fato de que nessa interação “Professoras/es e estudantes carregam de sentido aquilo que lêem, o que dizem, ouvem ou fazem”, onde importa “questionar sempre não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos/as alunos/as dão ao que aprendem” (LOURO, 1997, p. 137). Quando nos referimos à

temática da educação e sexualidade, portanto, a preocupação com a formação docente é um tópico necessário para um alcance mais amplo das propostas educativas sensíveis às questões de gênero.

A sala de aula, não como um lugar isolado, mas o mundo da sala de aula e todo o contexto escolar ou da comunidade escolar são espaços em que o assunto sexualidade está presente de diferentes maneiras, não é possível ignorar que a temática não seja uma questão também de educação formal. O foco da atuação do projeto está na percepção e relações de sociabilidades dos/as estudantes do ensino médio, mas não ignora que a sua temática envolve o contexto social mais amplo, o que justamente se busca ampliar na compreensão dos adolescentes como algo do nosso aprendizado social e cultural ao longo da vida.

No processo de socialização do indivíduo as normas da sociedade são repassadas por meio da educação, nos seus diferentes âmbitos de ensino-aprendizagem. A escola como uma instituição social é um espaço de normas de conduta, de valores morais, inclusive imbuídos de papel educativo o qual deve ser o caráter desse contexto escolar. Mas, é na escola também que o indivíduo desperta para várias experiências subjetivas normais em um processo de sociabilidade mais ampla que o ambiente escolar proporciona. Nesse sentido, a escola é invariavelmente um lugar de diversidade e de descobertas ao mesmo tempo em que as regras atuam sob os/as estudantes, assim a escola é um lugar de encontros, os quais podem também ser conflituosos. Portanto, é importante fazer com que as crianças, os/as adolescentes, os/as jovens possam ter na escola um momento de reflexão sobre esses processos que lhes parecem tão normais, mas que devem ser questionados quando neles está presente o conflito que gera preconceito, desrespeito, violência e desigualdade de gênero.

Educação e sexualidade apontam assim para uma problemática mais profunda das relações socioculturais na sociedade, colocam o contexto escolar como um foco de mudanças significativas dessas relações o que resulta em uma necessidade de ação por dentro da instituição escola. Nessa perspectiva, Perucchi (2013, p. 119) acentua um ponto crítico sobre a condução da norma social reproduzida pela escola, em que se faz necessário:

Analisar as conduções das condutas, ou esse conjunto de possibilidades de exercícios de poder dos corpos/sobre os corpos nos diferentes contextos da vida social – dentre os quais se destaca a escola como lócus privilegiado de funcionamento da norma – remete à análise dos tipos de ação que leva o indivíduo a voltar sua atenção a si mesmo, a reivindicar a si mesmo de acordo com diferentes possibilidades discursivas.

Em tal dimensão se exige que um espaço seja criado para que os/as adolescentes vejam na escola, por exemplo, um lugar de diferentes possibilidades discursivas e assim se sintam seguros para falar abertamente sobre educação e sexualidade. A proposta das “Oficinas de educação e saúde na escola: gênero e sexualidade” buscam se consolidar como um espaço educativo para uma reflexão mais democrática das relações sociais de gênero, da diversidade sexual, dos direitos

individuais sobre o próprio corpo, mesmo que ainda de maneira tímida, carrega uma dimensão política em face do contexto sociopolítico da sociedade brasileira, a qual nos parece necessária.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

No primeiro momento que antecedeu a realização das oficinas foi realizado um questionário para sondar a percepção que os/as estudantes teriam sobre a temática. Assim, além dos resultados obtidos por meio da observação participante no conjunto de atividades desenvolvidas com as turmas, buscamos uma compreensão prévia que será aqui analisada em comparação com o desenvolvimento das oficinas.

O público alvo são estudantes da Escola Estadual Ângelo Ramazotti de uma faixa etária de 14 a 17 anos, que cursam as três primeiras séries do ensino médio. Já participaram das oficinas 14 turmas do turno vespertino, onde atingimos uma média 20 estudantes por turma.

De início é possível afirmar com segurança o grande interesse dos/as estudantes pelas temáticas de educação, gênero, sexualidade e saúde que versam as questões trabalhadas no âmbito das oficinas. O que demonstra a flexibilidade e disponibilidade que a juventude tem para o diálogo, desde que proposto! Em uma das nossas enquetes sobre o assunto educação sexual nas escolas, a grande maioria acha que é mesmo um conteúdo escolar (Gráfico 1). O ambiente escolar já é um espaço em que a sexualidade está presente, seja nos escritos dos banheiros, nas conversas e piadas e redes sociais. Desse modo, os/as estudantes já apresentam familiaridade com o tema, à questão ainda é o modo de abordagem e o nível de aprendizagem em uma compreensão mais social e política desse assunto que ainda não está presente com tal familiaridade estudantil.

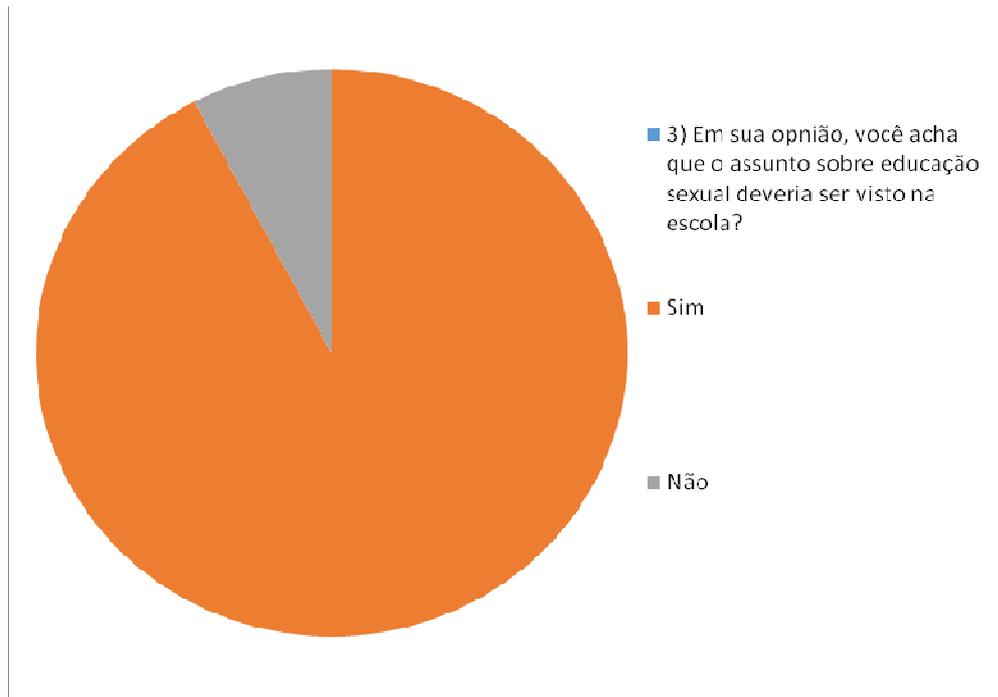


Gráfico 1 - Opinião dos/as alunos/as sobre a educação sexual na escola

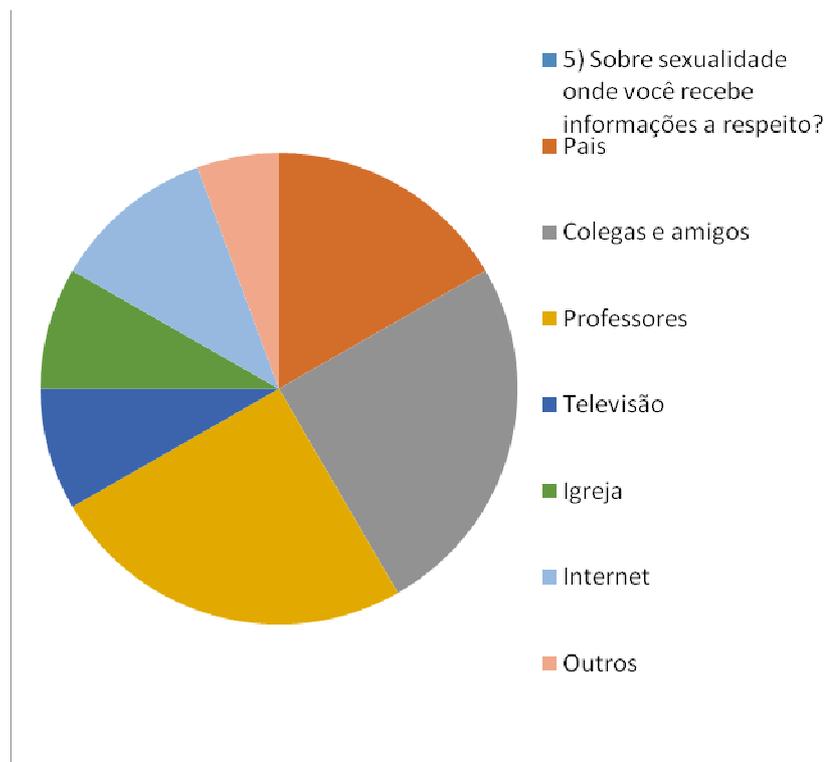


Gráfico 2- Informações sobre o tema sexualidade

Essa observação pode ser problematizada pelos meios nos quais os/as estudantes estão obtendo as informações (Gráfico 2) onde ainda predominam os colegas e amigos. Depois estão professores e pais, ou ainda a igreja, e certamente a internet. Talvez possamos ter dúvida quanto à porcentagem entre essas fontes, mas, por outro lado, podem demonstrar o reforço de uma única norma discursiva, muito presente nas falas e atitudes dos/as estudantes com relação ao papéis sociais hegemônicos dos gêneros. Contudo, também se observa em alguns posicionamentos uma reflexão mais crítica desse padrão discursivo. Assim, a partir da análise do vídeo “Acorda Raimundo, acorda...”, expressam tais afirmações como:

“Esse tema depende muito da educação e da sociedade em que a pessoa está inserida, pois o que foi mostrado foi um estereótipo, o qual é bem comum de se ver, o papel da mulher sendo o de submissa ao homem, a que fica em casa cuidando dos filhos enquanto o homem trabalha” (Aluna do 3º ano).

“Que nós homens devemos ter mais consciência e valorizar mais os trabalhos que a mulher faz em casa, e compreender melhor a sua opinião” (Aluno do 3º ano).

“Achei muito interessante o tema, principalmente quando o homem se colocou no lugar da mulher viu como ela se sentia perante aquela situação a qual nos dia de hoje ainda permanece. A mulher continua lutando por seu lugar no mundo e acreditando em um mundo melhor a qual todos tenham direitos iguais” (Aluna do 3º ano).

Certamente que esse é um processo educacional implica uma relação de ensino e aprendizagem para além do âmbito escolar, mas a escola pode proporcionar esse diálogo e exercício de reflexão como parte de uma formação cidadã.

Entre outros questionamentos ainda se constata que esse público tem vida sexual ativa cada vez mais cedo, e que muitos trabalhos acadêmicos já apontaram as consequências em relação à idade escolar, principalmente para as meninas. O que reforça a importância de repensar o modo como às informações chegam, bem como, que a escola é um espaço a ser mais bem construído para ações educativas no que diz respeito à sexualidade. (Fotos 1, 2 e 3. Realização da oficina na escola)



Foto 1 - Oficina na escola. 04/04/16



Foto 2 - Oficina na escola. 09/04/16



Foto 3 - Oficina na escola. 12/04/16

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre educação e sexualidade está em discussão nos âmbitos acadêmicos, como um dos resultados apontamos a necessidade de uma maior ampliação dessa discussão nos diversos setores sociais. A escola é geralmente o lócus de maior visibilidade, em face de seu caráter formativo e educador.

Esperamos que a temática exposta e discutida para refletir questões que dizem respeito também ao processo de ensino e aprendizagem possa cada vez mais ganhar espaço como um conteúdo importante de formação crítica e cidadã.

Os resultados alcançados procederam de maneira positiva para a necessidade de maior atenção e comunicação com os/as jovens e adolescentes sobre a temática do projeto, pois suas curiosidades, necessidade de informação e interesse refletem que o tema educação e sexualidade ainda não se transformaram em conteúdo escolar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais em sua proposta de inclusão da temática em 1996 e do Plano Nacional de Educação, ainda não correspondem com a realidade de várias escolas, e “o desafio para educadoras e educadores é adotar um olhar reflexivo sobre preconceitos sexuais e as situações de desigualdades e de violência que eles geram, para ser capaz de abordar tais questões na sala de aula” (BRASIL, 2009a, p. 100).

A relevância dessa temática para o contexto escolar está na possibilidade de atentar-se para as situações de mudanças culturais e sociais e buscar o melhor preparo pedagógico para atuar em face delas. Bem como, buscar construir um ambiente escolar baseado em um ensino de qualidade também democrática no que diz respeito à diversidade sexual e o respeito nas relações de gênero, no estímulo ao aprendizado não discriminatório, não preconceituoso, não homofóbico e sem assimetrias de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Helena. **Educação sexual e primeira relação sexual:** entre expectativas e prescrições. Estudos Feministas, Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto/2007.

_____. **Sobre a educação sexual como um problema escola.** Disponível em www.periodicos.udesc. 2005.

AMÂNCIO, Lígia (orga). **Aprender a ser homem.** Construindo Masculinidades. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola:** formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Volume I. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009a.

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola**: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Volume II. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009b.

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola**: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Caderno de atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009c.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de Educação, Gênero e Relações Escola-Família. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abr. 2004.

GONÇALVES, Eliane. "Pensando Gênero como Categoria de Análise". In ROCHA, Maria J. P. [et all]. **Estudos de Gênero**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, Programa Interdisciplinar da Mulher, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SAMARA, Eni de Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In.: SAMARA et al. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

TORRES, Iraildes Caldas. **Humaitá**: ecos de um povo. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Editora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2007.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade: quem educa o educador**: um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, (1997), 2000.

PERUCCHI, Juliana. **Gênero e lesbianidades**: apontamentos para o campo da educação e da saúde. In: Rodrigues Alexandro, Barreto Maria Aparecida Santos Corrêa. Currículos, gêneros e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas. Vitória, ES: Edufes, 2013.